



Diário de Bitita: as marcas de uma escrita feminina, feminista e negra

Antônia Amélia BARBOSA ¹

 <https://orcid.org/0000-0002-4373-1220>

Júlia Simone FERREIRA ²

 <https://orcid.org/0000-0002-4104-3029>

Resumo

Este artigo analisa a escrita de Carolina Maria de Jesus. O objetivo é mostrar como seus textos produzem conhecimento e evocam força e resistência. A proposta é investigar a escrita feminina e feminista em *Diário de Bitita* (2014) a qual se constrói por um discurso crítico e reflexivo sobre questões relacionadas à opressão e à violência contra a mulher negra na sociedade patriarcal brasileira.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Força; Resistência; Escrita feminina e feminista.

Bitita's Diary: evidence of female, feminist and black writing

Abstract: This article analyzes the writing of Carolina Maria de Jesus. The aim of this paper is to disclose how her texts produce knowledge and evoke strength and resistance. The proposal is to investigate traces of female and feminist writing in *Bitita's Diary* (2014) which is built upon a critical and reflective discourse on issues related to oppression and violence against black women in Brazilian patriarchal society.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; Force; Resistance; Female and feminist writing.

¹ Mestranda em Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, Brasil.
E-mail: antoniaamelia.barbosa55@gmail.com

² Professora Doutora, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, Brasil.
E-mail: juliasimonef@yahoo.fr

Introdução

Em uma sociedade como a brasileira, com um passado escravocrata que deixou feridas abertas em corpos de pessoas negras, a nossa dívida é grande e precisa ser paga com respeito e dignidade. É urgente o combate ao racismo, à violência, à dominação e à opressão. Não obstante, os passos para essa conscientização e reparação ainda estão distantes. Neste sentido, a construção de pensamentos feministas é fundamental para a justiça social e a aproximação entre homens e mulheres, de mãos dadas, na luta contra tais problemas. Precisamos, pois, desses pensamentos que tragam luz às nossas consciências para erguermos várias vozes negras, como a de bell hooks¹, a de Carolina Maria de Jesus e muitas outras, a fim de rompermos com a narrativa dominante e, assim, preenchermos as lacunas que foram elaboradas historicamente pelos discursos hegemônicos:

Para mim tem sido um esforço político me agarrar à crença de que há muito sobre o que nós – pessoas negras – precisamos falar, muito que é privado e que deve ser compartilhado abertamente, se for para curarmos nossas feridas (dores causadas pela dominação e exploração e opressão), se for para nos recuperarmos e conscientizarmos. (HOOKS, 2019, p. 26-27).

A voz desta intelectual negra e seu engajamento na e pela luta feminista, leva-nos a refletir sobre como, lamentavelmente, são representadas de forma negativa a existência e a experiência de pessoas negras não só em seu país, os Estados Unidos, mas também no Brasil. Assim, essa voz discursiva presente na obra *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019), representa luta, resistência e inspiração para a negritude que vem sendo ferozmente marcada pelo processo histórico de sofrimento e apagamento imposto pelas relações de poder do sistema patriarcal.

Carolina Maria de Jesus, escritora descendente de escravos, nascida da exclusão da vida e apagada socialmente. No meio de tanta escassez, a única bagagem que carregava era seu corpo de mulher negra emoldurado de histórias e estórias construídas na própria amargura do viver, por seus dedos negros que a sustentavam como empregada doméstica, lavadeira e catadora de papel. A vida era difícil.

¹ bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, que adotou o nome de sua bisavó Bell Blair Hooks. Em relação à forma pela qual a autora registra seu nome, com iniciais minúsculas, reconhecendo sua escrita como produto de uma autoria de um corpo negro, optamos por fazer o mesmo, respeitando sua subjetividade.



Precisava percorrer longas distâncias para catar papel e levar para casa certos miúdos que sustentariam a sua prole, pois era sozinha, sem marido ou homem algum e precisava manter o sustento da família. Desde criança colhia experiências de dor, sofrimento e opressão de suas relações familiares e da sociedade que a negava por ser negra, mulher, pobre e favelada. Tinha consciência sobre esse lugar de onde vinha, por isso transformou seu corpo desprezível e desprezado em um espaço de luta e resistência. Para tentar melhorar de vida, migrou de Sacramento, Minas Gerais, para São Paulo ainda jovem. Lá, o local de sua residência foi a favela do Canindé de onde vem a construção de sua escrita de mulher semianalfabeta e periférica, distanciada de qualquer formalidade acadêmica e carregando somente os saberes da própria vida sofrida. É a partir desses saberes, de suas vivências e experiências, que nos deixa um legado edificado por uma escrita própria, numa linguagem traçada pelas linhas tortuosas e miseráveis de sua vida.

Este artigo analisa a especificidade da escrita de Carolina Maria de Jesus a partir dos relatos de *Diário de Bitita* (2014)². Serão investigados elementos da composição da sociedade patriarcal brasileira: o machismo, o racismo, a violência e a opressão sofridos pela mulher negra. Trata-se de uma produção intelectual representada por uma voz que denuncia e questiona a normatização da marginalização e do silenciamento do sujeito negro. A partir disso, temos uma escritura latente, a qual desmascara de forma consciente e crítica o sistema patriarcal que oprime e violenta a mulher negra. Ao mesmo tempo, o lugar que essa escrita ocupa pode ser visto como aquele que se posiciona em defesa de um discurso de resistência, que grita aos ouvidos do leitor sobre o desejo de libertação e reparação de todas as mazelas deixadas pelo passado histórico ao sujeito negro.

A fim de ampliarmos as análises, apresentaremos três capítulos. O primeiro refere-se à literatura negro-brasileira, um pequeno panorama para inserir a autora Carolina Maria de Jesus. No segundo capítulo, apresentaremos uma breve contextualização sobre a escrita de autoria feminina e como se situa a escrita da autora. Por fim, no terceiro capítulo, falaremos sobre a escrita feminista e como essa característica é percebida na obra abordada.

² A primeira edição de *Diário de Bitita* foi publicada, postumamente, em 1982, na França. Neste artigo, trabalharemos com a publicação de 2014.



Literatura negro-brasileira

A ótica deste trabalho está centrada na produção literária de uma autora negra e periférica, que examina a estrutura desigual da sociedade brasileira e a interpreta a partir do seu lugar de existir. Veio do submundo da rejeição social para contar uma história – a sua história – e eternizou-se na literatura. Esta constitui-se em uma das atividades mais importantes da espécie humana, pois atua na imaginação de muitas pessoas e é o espaço em que se fala e se é ouvido.

Definir ou conceituar a literatura produzida por corpos negros tem levantado uma discussão. Há autores que adotam o termo “literatura negra”, por se tratar de uma produção representativa de parte da população brasileira não pertencente a uma ideologia dominante e que não tem o seu lugar no cânone literário. No entanto, existe um cuidado para tal nomeação para não se fazer oposição entre “literatura negra” e “literatura branca”, porque não faz sentido dizer que a literatura tem cor. (BERND, 1988, p.21).

A literatura negro-brasileira, com viés para o texto escrito, refere-se a escritores negro-brasileiros “nascidos na e da população brasileira”, tais como Luiz da Gama, Lima Barreto e Maria Firmina dos Reis, produtores de uma escrita que desmantela a hipocrisia do racismo e se compromete com a luta antirracista. Além disso, preocupa-se em trazer para o bojo literário a questão do *outro* – do sujeito negro. Embora a literatura afro-brasileira contribua com esse debate, ela nasce da oralidade e vincula-se em parte à tradição africana, porque, ao se falar de África há uma diversidade cultural que não caberia de forma completa à cultura brasileira. (CUTI, 2010, p.45-46).

Édouard Glissant (2005) é uma referência em discussões sobre literatura e alteridade. Em *Introdução a uma poética da diversidade*, o crítico faz uma reflexão sobre a identidade e o encontro das culturas, abordando criticamente a relação entre o *eu* e o *outro* em sociedades nas quais o sistema de colonização europeia foi imposto. O colonizador ou dominador, em seus discursos para justificar a dominação, é o *eu* que não respeita a cultura, a língua e as questões identitárias do *outro* - o dominado. No entanto, o autor ressalta que os discursos do *outro* devem ter seu reconhecimento através de uma perspectiva literária que não exclua os elementos culturais, o pensamento e as narrativas desses povos.



Partindo desse pensamento glissantiano de que se deve entender o *outro* e respeitá-lo, a literatura deve compreender e reconhecer a mulher e o homem como integrantes do mundo, como sujeitos culturais e protagonistas de suas próprias lutas, revelando sua subjetividade, seu íntimo e seus silêncios. Sendo assim, o discurso literário deve ser o espaço de reflexão teórica acerca da problematização das relações humanas, conforme podemos perceber na literatura negro-brasileira que contribui para protagonizar narrativas de pessoas negras brasileiras e valorizar suas identidades culturais. Nesse sentido, a escritura de Jesus é representante dessa literatura, a qual se mostra como um espaço de reflexão política e de resistência da mulher negra:

Eu estava fazendo a minha *avant-première* no mundo. E conhecia o pai do meu irmão e não conhecia o meu. Será que cada criança tem que ter um pai? O pai de minha mãe foi Benedito José da Silva. Sobrenome do sinhô. Era um preto alto e calmo. Resignado com a sua condição de soldo da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável no falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje. (JESUS, 2014, p.13).

A escrita caroliniana identifica-se por um sujeito - uma mulher marginalizada e silenciada pelos meios sociais, contudo traz originalidade em torno da sua própria vida, captando a dor e a raiva por ser pobre e rejeitada. Um sujeito crítico, consciente de que a escravidão deixou marcas profundas em si e nas pessoas de sua família. Por isso, uma das tônicas da sua linguagem é o questionamento constante de tudo que chega aos seus olhos e ouvidos. Além dessa memória latente, uma das constantes reflexões de Jesus, no texto desta análise, diz respeito ao analfabetismo de seus familiares. Para a autora, ler é uma forma de se tornar mais digno, compreender o mundo e tornar-se respeitável socialmente, como uma maneira de se posicionar no mundo e de ser aceito por ele.

A temática exposta por Glissant também ecoa no livro *Sejamos todos feministas*, da feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2015), por meio do qual a escritora faz menção a uma palestra proferida por ela sobre “O perigo de uma história única”, enfatizando ao leitor que estereótipos são perigosos às sociedades porque tratam de comportamentos que limitam nosso pensamento, levando-nos a emitir um único ponto de vista completamente destituído de cuidado e respeito em relação aos dados culturais de diversos povos. Desta forma, Glissant e Adichie concordam que a alteridade não é respeitada, ao contrário, dependendo da forma



como se contam histórias dos povos inferiorizados, corre-se o risco de formular estereótipos, ao invés de humanizar e reparar a dignidade perdida.

Partindo desta análise, Glissant ainda ressalta que a literatura deve exercer uma outra função, “que é a de escavação das culturas” (GLISSANT, 2005, p.87) porque essas culturas nos atravessam com suas línguas e suas dores em um processo contínuo. Neste sentido, o papel fundamental dado à literatura é o de resgatar a voz do outro, de preservar a complexidade dos povos e suas culturas. Para ele, tanto as culturas africanas, como as indígenas, foram massacradas pela colonização europeia. Por isso, são sempre necessários o movimento e as lutas desses povos dominados em busca de sua libertação.

Calcado nessas discussões, podemos dizer que a literatura negro-brasileira abarca narrativas em torno do protagonismo de negras e negros, enfatizando suas lutas pela igualdade e participação social. Neste contexto inserimos a escrita de Jesus - permeada de um ativismo político e de um espírito discursivo carregado de força contra a discriminação, a opressão e o racismo. Suas narrativas construídas pelo corpo negro de mulher subalternizada tornam-se um espaço de ação política ou de ação cultural, com conscientização histórica em relação à marginalização do sujeito negro. Assim, esse arcabouço literário vincula-se à representatividade da voz narrativa do sujeito que está escrevendo a história. É um instrumento de construção de sentido para a produção de uma literatura de resistência e (re)existências, concebida por meio de um engajamento oriundo de suas lembranças e memórias de pessoas que viveram no passado de escravidão e que carregam no corpo presente toda forma de opressão e sofrimento.

Em outras palavras, conclui-se que a literatura caroliniana se constrói como um espaço de reflexão da relação sobre o *eu* (o discurso único, o discurso do dominador) e o *outro* (o discurso do dominado, do excluído) por meio da voz (calada) do negro na sociedade brasileira. É produto do corpo de mulher negra, o qual revela os segredos, os silêncios e as marcas de opressão. Glissant enfatiza a necessidade desta literatura engajadora e fundadora de uma comunidade, a qual representa a identidade do sujeito negro, sua voz e seu pertencimento.

Mediante essas considerações, podemos pensar, portanto, que a literatura produzida por pessoas negras se faz pelo corpo. Segundo alguns estudiosos, o corpo é, nas culturas africanas e indígenas, não só o lugar da comunicação com o mundo,



como também o da expressão de seus traumas. Percebemos isso no diário de Jesus, que traz o corpo da mulher negra carregado de memória histórica e de traumas do passado, resgatando as marcas de opressão e de exclusão na vivência diária. Além disso, o corpo é o lugar da resistência e da força. Para Lúcia Castello Branco, o corpo é o lugar de representação do discurso, já que por trás desse discurso se insere um sujeito, um autor: “Entretanto, há escritas que privilegiam esse “por trás” do corpo, essa sua ausência/presença, em lugar de uma representação.” (BRANCO, 1991, p.22).

A escrita de autoria feminina

A literatura feita por mulheres foi invisibilizada pelo longo percurso histórico traçado exclusivamente por homens. Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*, de 1949, afirma que os homens sempre tiveram liberdade para falar de suas experiências, enquanto as mulheres foram fadadas ao pensamento de que traços biológicos as privavam de exercer seus verdadeiros papéis. Contudo, propõe que elas rompam com as amarras desse raciocínio e se libertem para viver conforme suas vontades. E elas romperam, resistiram.

Assim, faz-se cada vez mais necessário uma literatura produzida por corpos femininos, porque no cânone literário, majoritariamente masculino, eles não são representados.

Antes de abordar a escrita de Jesus, é importante esclarecer o que vem a ser concebido como escrita feminina. De acordo com Branco (1991), a escrita feminina não deve ser compreendida como projeto de elaboração exclusivamente do universo feminino, ou seja, produzido só por mulheres. Trata-se de uma escrita que diz respeito às mulheres, contudo elas não são as únicas produtoras do discurso. Trata-se, principalmente, de uma enunciação feminina, que vem marcada por uma inflexão da voz, além de um ritmo e tom próprios em seus textos. E essa “tradição” da linguagem causa incômodo na forma como nos fala, porque nos fala de um outro tom, um outro lugar, um outro discurso, um lugar de desconforto, preenchido pelo vazio ou pelo silêncio:

O que é curioso é que o feminino, de uma forma ou de outra, acaba por incomodar, por se fazer questão, por produzir polêmica. Ou por calar, por se fazer silêncio, por insistir, como num diálogo de surdos, a nada dizer que faça sentido. Ou simplesmente: a nada dizer. E, ainda aí (ou especialmente aí), ele incomoda. (BRANCO, 1991, p. 17).



Ao afirmar sobre o incômodo que a escrita feminina pode nos causar, a autora situa o lugar de enunciação da escrita feminina como o lugar de onde nascem os sussurros, os balbucios e os gemidos, como algo que representasse “a língua da mãe” (BRANCO, 1991, p.17). Daí, pode-se dizer que esse lugar parece traduzir o íntimo da escrita feminina, aquilo que muitas vezes está manifestado pelos não-ditos, nos silenciamentos e nas lacunas, que vai desde temas mais universais a outros que se fazem mais íntimos. Sendo assim, tende a incomodar porque rompe com o silenciamento e torna-se o lugar de criação literária, o lugar da reflexão, “priorizando mais a voz, que o sentido; mais o *como se diz* que o *que se diz*.” (BRANCO, 1991, p. 22). No entanto, não queremos afirmar que existe uma escrita feminina no sentido de separação, de oposição entre o feminino e o masculino, pois não existe essa separação dentro da literatura. Tal separação poderia inferiorizar o trabalho da escrita de mulheres em relação ao masculino, o que não diz respeito ao escopo desta investigação. Na verdade, o que Branco discute é sobre o traço desse feminino, identificado em certas produções, como, por exemplo, as de Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Virginia Woolf. Nessas produções encontra-se a marca de uma escrita intimista, política, filosófica e ideológica que colabora para um discurso do incômodo.

Podemos, pois, perceber que esse lugar do incômodo, de que trata Branco, pode ser identificado em *Diário de Bitita*, como o projeto literário do feminino presente no discurso e que traz esse lugar provocador, causador de ruídos, que não se cala ou se faz silêncio. Ao contrário do silêncio, os relatos do diário levantam protestos ou questionamentos em relação à inferioridade da mulher negra, ao que lhe é imposto pela sociedade: “Um dia minha mãe estava lavando roupa. Pretendia lavá-la depressa para arranjar dinheiro e comprar comida para nós. Os policiais prenderam-na. [...]” e “À meia-noite resolveram soltá-la.” (JESUS, 2014, p.31). Como se constata, a voz discursiva por trás de seus relatos expurga sua indignação pelo fato de sua mãe ser pobre, negra, mulher, lavadeira e ainda ser presa sem ter cometido crime algum. E a autora conclui: “Eu pensava: ‘Só pretas que vão presas’.” (JESUS, 2014, p.31). Desta maneira, esse fazer literário revela a existência de pessoas subjugadas em relação à raça, classe e gênero pelo sistema opressor.

A escritura de Jesus nasce do seu lugar de exclusão social, de mulher periférica e subalternizada. Pode-se dizer que sua produção literária traduz o mundo



de fora e, que, seu mundo interior manifesta, na escrita, a sociedade que invisibiliza a mulher negra e anula o seu pertencimento. Por outro lado, esse mundo de fora é traduzido pelo mundo de dentro de Jesus, colocado a partir dos relatos de seu diário que não cessam em dizer, aos gritos, que existe um sujeito social e cultural vivendo às sombras de seu apagamento, porém um sujeito de uma resistência que rompe com o seu silenciamento e ergue a voz do seu discurso. Essa voz discursiva não se cala nunca, ao contrário, nos perturba e incomoda:

Minha mãe lavava roupa por dia e ganhava cinco mil-réis. Levava-me com ela. Eu ficava sentada debaixo dos arvoredos. O meu olhar ficava circulando através das vidraças observando os patrões comerem na mesa. E com inveja dos pretos que podiam trabalhar dentro das casas dos ricos. (JESUS, 2014, p.31).

Neste trecho relatado, percebemos uma escritura inserida na experiência de vida da mulher negra e do lugar onde se encontra. Esse lugar é o do silenciamento, do sofrimento e da dor, impostos pelo patriarcalismo e tudo o que ele traz consigo: a divisão sexual do trabalho e as desigualdades sociais (a diferença de acesso ao poder econômico, aos bens culturais e aos prestígios valorizados em nossa sociedade excludente). No entanto, existe uma voz discursiva que quebra esse silenciamento e, de forma crítica e consciente, questiona sua percepção das relações de trabalho e das relações de poder, da separação entre o mundo dos brancos e o dos negros, os patrões brancos e ricos e os negros que trabalhavam para estes. Desta forma, materializa-se uma forma de escrita que, ao invés de se calar ou de se omitir, denuncia e problematiza essas relações de poder e o *apartheid* à brasileira. Conforme relata a autora: “O que eu notava é que nas festas dos negros os brancos não iam” (JESUS, 2014, p. 27).

Branco, calcada nas teorias de Roland Barthes³, analisou que *o texto de gozo* é o da incompletude, em que “o leitor é sempre colocado em estado de perda, em estado de desconforto em sua relação de crise com a linguagem” (BRANCO, 1991, p.48), fazendo uma distinção entre *o texto de gozo* e *o texto de prazer*. Para a autora, o gozo é algo que não se completa e é sempre a ideia da perda. Já o prazer é algo que proporciona mais alegria ao leitor. Partindo dessa diferenciação, considera que o primeiro faz parte da escrita feminina, pois marcada pelo grito, estariam os não-ditos e outras marcas como, por exemplo, o silêncio.

³ Roland Barthes (1915-1980), em seu livro *O prazer do texto* (1973), traz algumas reflexões e lições sobre leitura e escrita, escritor e leitor orientadas por concepções psicanalíticas de “gozo” e “prazer”.



Diante do que expõe Branco sobre essa marca da escrita feminina, podemos dizer que, em *Diário de Bitita* (2014), identificamos uma produção literária atravessada pelo gozo, e não pelo prazer, visto que na linguagem textual estão relatos de dor, sofrimento, fome, miséria, racismo, opressão e exclusão social. Neste sentido, a autora declara: “Eu já estava cansando daquela vida de andarilha. Eu tinha a impressão de ser uma moeda circulante. Que vergonha eu sentia por não termos uma casa.” (JESUS, 2014, p.190). Essa voz de grande consciência histórica nos apresenta, em seu diário, relatos autobiográficos de grande força discursiva e resistência:

[...] Não mais tinha medo do mundo, nem da vida. Compreendi que uma pessoa relaxada, desorganizada, indolente, não consegue vencer na vida. Dependia de mim adotar as belas qualidades. E fiquei analisando os fatos. Os maus têm que desligar-se da maldade, para encaixar-se neste mundo. (...) Eu não tive ninguém para guiar-me nesta vida. O que impediu-me de cair no abismo foram as palavras do vovô.” (JESUS, 2014, p.200).

As abordagens de Branco sobre as teorias de base histórico-sociológica explicam que existe uma preferência das mulheres por narrativas de gênero memorialístico, tais como autobiografias, escritas da memória e do feminino:

Também esse parentesco formal tem sido observado pelos teóricos. Entretanto, muito do que se afirma acerca das interseções entre as escritas do feminino e da memória relaciona-se ao caráter nostálgico de ambas, ao retorno ao passado que ambas buscam efetuar, à tentativa de resgatar o vivido, a experiência original (ou a própria origem), que residiria na base dessas modalidades de escrita. (BRANCO, 1991, p. 31).

Sobre o que é analisado em relação à escrita de memória na escrita feminina, pode-se dizer que as memórias das páginas do diário de Carolina Maria de Jesus são memórias preenchidas por uma memória histórica, cultural a partir da sua própria história de vida embebida por marcas de opressão e de escravidão:

Ficava duvidando das minhas possibilidades porque os doutores de Coimbra diziam que os negros não tinham capacidade. Seria aquilo perseguição? Qual era o mal que os negros haviam feito aos portugueses? Por que é que eles nos odiavam, se os negros eram pobres e não podiam competir com eles em nada? Aquelas críticas eram complexos na mente do negro. (JESUS, 2014, p. 47).

Nota-se que, junto a essas memórias, está a voz embalada de resistência e luta contra estruturas raciais enraizadas na sociedade brasileira. A autora escreve com seu corpo negro carregado pelos problemas da vida e do mundo. Consequente, sua obra traz uma percepção crítica da realidade, um olhar aguçado dos problemas

que afligem a população negra brasileira. É uma voz discursiva que sempre se coloca em questionamento.

Para finalizar nossa abordagem, daremos como exemplo o capítulo “Ser pobre”, no qual vários temas são levantados pelo questionamento da escritura de Jesus: a questão da escravidão, o tráfico negreiro, o êxodo dos trabalhadores das fazendas para as cidades, a prisão injusta da mãe. Em todos esses temas, o que prevalece é o olhar indignado sobre o sofrimento das pessoas negras. Conforme podemos constatar no trecho: “A maioria dos negros era analfabeta. [...] O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515. Terminou no ano de 1888. Os negros foram escravizados durante quase 400 anos.” (JESUS, 2014, p.30).

A escrita feminista em *Diário de Bitita*

[...] Toda vez que eles me ignoram, eu me sinto invisível. Fico chateada. Quero dizer a eles que sou tão humana quanto um homem, e digna de ser cumprimentada. Sei que são detalhes, mas às vezes são os detalhes que mais incomodam. (ADICHIE, 2015, p.23).

A citação de Adichie, extraída a partir do próprio cotidiano da autora nigeriana, diz muito a respeito da mulher e sua invisibilidade não só nesta cultura, mas também na brasileira. Nesse discurso de indignação, o problema do patriarcado é colocado em evidência por reforçar a superioridade masculina, negando direitos e dignidade às mulheres, sobretudo, mulheres negras. Em outras palavras, o simples fato de uma pessoa ser do sexo masculino já o torna o ser de *status*, de poder. No entanto, a inversão desse quadro é possível, se houver igualdade social, política e econômica entre os sexos, se homens e mulheres forem feministas e ambos acreditarem na transformação do mundo. E dessa forma todos, homens e mulheres, têm direito à voz, porém a primeira mudança a ser realizada é a da cultura.

Em *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2018), hooks também defende que “Feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão.” (HOOKS, 2018, p.13) e aprofunda a problematização abordada por Adichie, afirmando que, se queremos um mundo melhor, antirracista, antissexista e mais justo, todos nós - homens e mulheres - devemos conhecer as políticas feministas e nos conscientizarmos sobre elas, a fim de nos educarmos para



combatemos ideias equivocadas de que o movimento é anti-homem, mulheres odeiam homens ou que devem mandar neles. Além disso, hooks enfatiza que:

Em troca de todas as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos explorem e oprimam, fazendo uso de violência, se precisarem, para manter o patriarcado intacto. [...] Mas eles têm medo de abrir mão dos benefícios. Eles não têm certeza sobre o que vai acontecer com o mundo que eles já conhecem tão bem, se o patriarcado mudar. Então acham mais fácil apoiar passivamente a dominação masculina, mesmo quando sabem, no fundo, que estão errados. (HOOKS, 2018, p.13-14).

Uma visão feminista que adere à masculinidade feminista, que ama garotos e homens e exige, em nome deles, todos os direitos que desejamos para garotas e mulheres, pode renovar o homem norte-americano. Principalmente, o pensamento feminista ensina a todos nós como amar a justiça e a liberdade de maneira a nutrir e afirmar a vida. Claramente, precisamos de novas estratégias, novas teorias, diretrizes que nos mostrarão como criar um mundo em que a masculinidade feminista prospere. (HOOKS, 2018, p.82-83).

A autora, alicerçada em teorias feministas, reforça que os benefícios recebidos do patriarcado hierarquizam a masculinidade e reforçam a violência de gênero. E conclui que o feminismo não se opõe ao masculino, mas, ao contrário, coloca-se do mesmo lado, combatendo opressões estruturais.

Djamila Ribeiro contribui com as discussões supracitadas, apresentando-nos seu olhar em relação ao feminismo negro e ao lugar de fala de pessoas negras. Defende que a voz desses cidadãos é um espaço de direito frente à sua invisibilidade social, isto é, serve para reivindicar o direito à própria vida e para quebrar o silenciamento. Dentro desse contexto, o lugar de fala legítima essa voz empoderada, trazendo ressignificações, principalmente, para as mulheres negras que são apagadas no âmbito social, dando-lhes visibilidade e ação política em relação ao sistema de supremacia branca. Ademais, é o instrumento para “refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequentes da hierarquia social.” (RIBEIRO, 2019, p. 63-64).

De acordo com a abordagem de Adichie, hooks e Ribeiro, podemos dizer que o fazer literário de Jesus se representa como o lugar do discurso da mulher negra que não aceita a opressão, a exploração, a violência e o racismo do sistema patriarcal brasileiro, posicionando-se com uma voz, um grito diante de seus direitos sociais violados:



No ano de 1925, as escolas admitiam alunas negras. Mas quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos. As professoras aceitavam os alunos pretos por imposição. Mas se o negro não passava de ano, as mães iam procurar as professoras [...] (JESUS, 2014, p.42).

Eu ouvia apenas rumores que os portugueses haviam lutado desesperadamente para ser os donos dessas terras. Mas eu não via portugueses na lavoura. Deram valor ao Brasil só enquanto o braço africano trabalhava gratuitamente para enriquecê-los. Quando eles foram obrigados a pagar os serviços prestados pelos negros desinteressaram-se do Brasil. (JESUS, 2014, p.54).

Como se nota, Jesus não se isenta de um espírito subversivo e atento às estruturas racistas que figuram o Brasil pós-abolição. Ademais, segue sua denúncia contra a segregação racial presente não só nas escolas, mas também na sociedade de sua época. Com seu conhecimento histórico, dilui seus comentários críticos em relação à escravidão e seus trabalhos forçados.

Seu diário traz marcas de uma escrita feminista fortalecida pelo discurso de resistência, ao mesmo tempo, reivindicadora de uma libertação e respeito por diversidade étnico-cultural. Há, nessas marcas, reconhecimento da sua condição de mulher na sociedade racista e patriarcal. E qual é o papel que a sociedade dá a essa voz? É o papel do não lugar, do silenciamento e da opressão. Por isso, a autora problematiza esse lugar onde a mulher está, em especial, a mulher negra. Em sua perspectiva, é necessário reivindicá-lo porque a mulher também tem seus direitos, seus sonhos e desejos e lhe é digno ter representatividade e força no seu discurso.

Os relatos de Jesus não só apresentam características de uma escrita feminina, como também de uma escrita feminista que se debruça para denunciar o machismo e a violência contra a mulher:

O meu tio espancava a minha madrinha, que estava superalcooolizada, estendida no solo. Dava a impressão que ele estava espancando um cadáver. Mas quem é que ousava interferir? Quando ela normalizava, estava com o braço quebrado. Começava a gemer e a chorar. E eu pensava: “Tem mulher que diz que o homem é bom. Que bondade pode ter o homem, se ele mata e espanca cruelmente? Quando eu crescer eu não quero homem. Prefiro viver sozinha.” (JESUS, 2014, p.87).

Se o filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha. O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram de além-mar (JESUS, 2014, p. 38).



Além disso, revelam-nos uma consciência crítica acerca da existência da desigualdade de gênero, percebida nas relações sociais. Além disso, o homem é visto dentro do patriarcado branco com atributos que reforçam suas relações de poder em relação à mulher, sendo ele o ser, o sujeito que tem voz por pertencer ao sexo masculino:

- Quero ter a força que tem o homem. O homem pode cortar uma árvore com um machado. Quero ter a coragem que tem o homem. Ele anda nas matas e não tem medo de cobras. O homem que trabalha ganha mais do que uma mulher e fica rico e pode comprar uma casa bonita para morar. (JESUS, 2014, p.17).

Obviamente ao dizer que queria ter a força de um homem, a protagonista não está falando de força física, mas sim da simbologia que o ser masculino tem: ele vem dotado de poder no mundo e o seu pertencimento social. Toda essa simbologia percebida pelo discurso comprova a presença de uma escrita feminista.

Outra questão levantada no texto diz respeito ao debate sobre raça, em que a protagonista percebe que o fato de uma mulher ser branca lhe garante condições de superioridade em relação à mulher negra. Isso significa que Carolina compreende – mas não entende – essa associação pelo fato de ser mulher negra e estar em um lugar sem privilégios. Percebemos que há uma valorização do indivíduo branco quando se faz menção à cor da pele da madrinha: “A minha madrinha de batismo é quem me defendia. Ela era branca. [...] Eu pensava que era importante porque a minha madrinha era branca.” (JESUS, 2014, p.17)

Por fim, constatamos que o fazer poético da autora expressa muita força e resistência, ao representar o lugar da periferia e da exclusão. Ao mesmo tempo que denuncia e questiona, entre outras coisas, o papel da mulher pobre como aquele destinado a cuidar da casa dos outros: “As mulheres pobres não tinham tempo disponível para cuidar dos seus lares. Às seis da manhã, elas deviam estar nas casas das patroas para acender o fogo e preparar a refeição matinal. Que coisa horrível! [...]” (JESUS, 2014, p.36).

Considerações Finais

Em relação ao que foi analisado neste artigo, podemos concluir que a obra de Carolina Maria de Jesus apresenta-se como um instrumento de representação do



sujeito negro subalternizado. Seu trabalho literário denuncia as atrocidades impostas pelo patriarcalismo, sobretudo, à mulher negra. Desta forma, ela constrói um sentido para a produção de uma literatura negro-brasileira ou literatura de resistência, concebida por meio de uma escrita engajada que nasce de suas próprias experiências de vida cotidiana. Portanto, em seu fazer literário, a escrita feminina e feminista se complementam e nunca esgotam o leitor para falar da dor, do sofrimento e da opressão. Logo, é uma escrita para incomodá-lo e não para silenciar. O silêncio social se transforma em gritos que podem ser ouvidos por suas narrativas.

Diante do exposto, o que se observa é um sujeito enunciador de histórias reais - representado por uma mulher negra - que carrega em suas veias o preconceito e a opressão. Além disso, trata-se de uma escrita de autoria feminina de uma verdadeira contadora de histórias verdadeiras porque essas histórias verdadeiras vêm embaladas por uma empoderada voz cultural que nos faz refletir sobre o contexto social no qual ela estava inserida. Portanto, essa escritura tem designado o lugar da inferioridade da mulher negra, marcado pela opressão de gênero que o sistema patriarcal branco lhe impõe.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução Ana Luiza Libânio. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi-SP, 2014.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

Recebido em 10 de março de 2021.

Aprovado em 31 de março de 2021.

